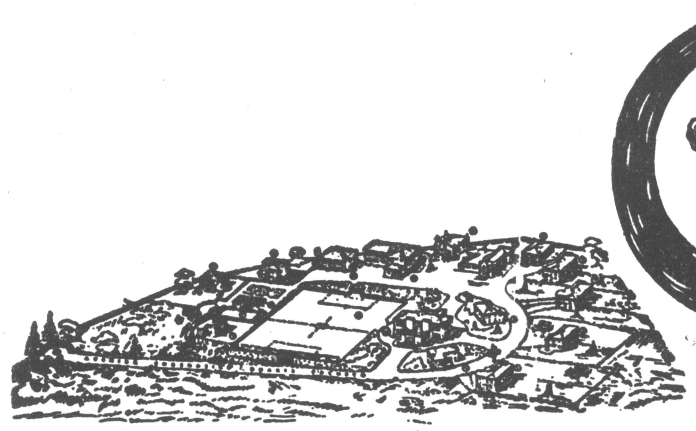


O Gaiato

14 DE DEZEMBRO DE 1968

ANO XXV — N.º 646 — Preço 1$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS
FUNDADOR Padre Américo
VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ Q...
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIA...

Tribuna de Coimbra

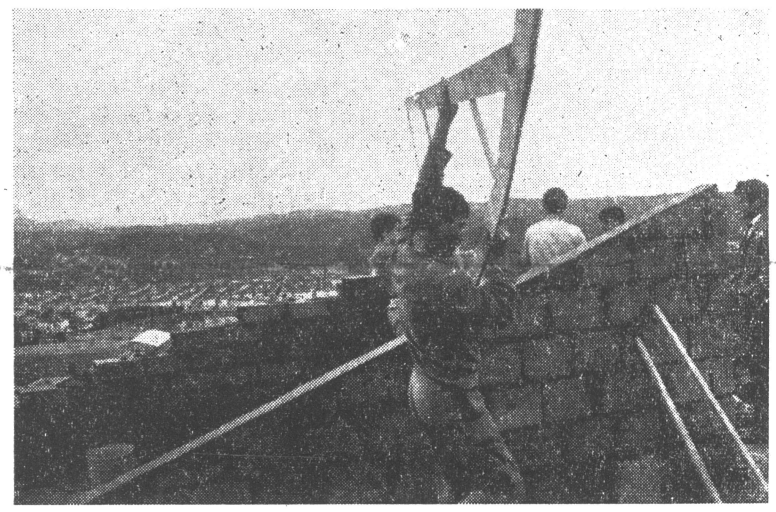
Agora mais do que em tempo algum desta minha vida de peregrino tenho esperado ansiosamente pelo correio, tenho percorrido mais as ruas da Baixa, tenho entrado com mais frequência na igreja de Santa Cruz, tenho visitado mais assìduamente a Casa do Castelo. Cada vez que chego junto das obras do Lar e olho a loba a tomar mais corpo e a engordar e ouço o Snr. João a dizer os materiais que vão sendo necessários e vejo as facturas que o correio vai trazendo, e depois ouço a Maria da Luz a contar as necessidades para alimentar, vestir e calçar os rapazes e em Miranda a Maria do Rosário que desfia também o seu rosário de necessìdades da Casa com os seus quase cem rapazes; eu vou gemendo interiormente toda esta vida que materialmente também me está a pesar.

Encontro-me muitas vezes tentado a pensar que a maior parte dos portugueses ainda não se apercebeu de que a Obra é sua, as necessidades da Obra são suas, as nossas aflições são suas, os nossos fracassos são seus, os nossos êxitos são seus também. Tenho-me sentido tão só com a carga que chego a pensar que estarei a fazer obra minha. Ora Pai Américo quis sempre que a Obra fosse de todo o povo português que ainda tem consciência da sorte dos irmãos abandonados.

Quando há meses começámos a construção da nossa Casa em Coimbra tive a impressão de que havia um alertamento de consciência, especialmente dos conimbricenses. Mas com as férias grandes parece que a maior parte ficou em repouso. Ficai sabendo que os rapazes e eu não tivemos férias.

Dai graças a Deus por todos aqueles que vieram ao nosso en.

Continua na TERCEIRA página



Os nossos rapazes, ocupados na construção do Lar de Coimbra. Um quadro vivo da «Obra da Rua»!

SETUBAL

Eu seguia há dias na rua acompanhado do grupo dos meus «batatas», e, um deles, que criei desde os primeiros dias de vida, desatou a clamar por mim — «pai, pai» — e nunca mais se calava. Passava por nós muita gente na mesma direcção e em sentido contrário. Espantados pelo clamor da criança indagavam ansiosos quem seria o alvo daquele chamamento.

Descobriram-me. Riram-se com ar de maldade, de espanto e de pergunta e comentaram entre si não sei o quê e continuaram os seus juízos e o seu diálogo aparentando escárnio!

Caminhavam eles aos pulos à minha volta e eu com o pensamento e a sensibilidade aos pulos por cima das suas cabeças e da história das suas vidas!

Tinha-se repetido a mágoa que sempre sinto quando algum me chama pai e insiste, numa ânsia natural de ter pai.

— Mas porque não hei-de ser pai? E tentar sê-lo com naturalidade? Será a paternidade algo de carnal, fruto de um momento ou, antes, a doação duma vida inteira?!...

Porque é que, de longa data, aos sacerdotes da Igreja, os seus filhos começaram a chamar pais, hoje padres?

O Mestre chamou-lhes pastores bons. Que dão a vida. Ponho-me a perguntar: — porque evoluiu a palavra, na nossa e noutras línguas latinas, se com ela não andou, neste caso, o conceito? Eu não percebo nada de nada mas vou descobrindo que o povo hoje não entende que o padre é pai. Não uma paternidade espiritual ou sobrenatural sòmente, em conceito muito cómodo mas desencarnado e longínquo e por isso falso, mas uma paternidade que abrange o homem todo na sua vida global. Uma paternidade, hoje, feita de angústia, de sofrimento, de trabalho, de testemunho, de entrega e de esperança!

Se é verdade que o Bispo é pai e o padre participa dessa paternidade porque se riram e escarneceram os transeuntes?

O sacerdote é instrumento de salvação! Vai longe o tempo em que se falava às «almas» e còmodamente se deixava descobrir que o Céu seria para os que se confessassem à hora da morte.

Se, como é verdade, que a vida para «O Além» é um desabrochar desta, o homem realiza a sua salvação superando-se no amor aos outros, na verdade e na justiça, com a ajuda e os olhos postos em Deus ao

Continua na QUARTA página

As nossas edições

«A PORTA ABERTA»

Para aguçar mais o apetite pelo «A Porta Aberta», transcrevemos outro naco da obra em distribuição. É da pena da sua Autora. E parte da «Introdução». Ora leiam:

«...Este livro tem uma história... Nasceu... de um contraste, constraste dolorosamente evidenciado depois de uma visita a um asilo de onde saí muito impressionada com o ar triste, em «série», dos pequenitos que

Continua na TERCEIRA página

MALANJE

O Zé chegou de Luanda numa tarde pardacenta.

— Olha o «Zé da fisga»! Foi logo e hoje é também.

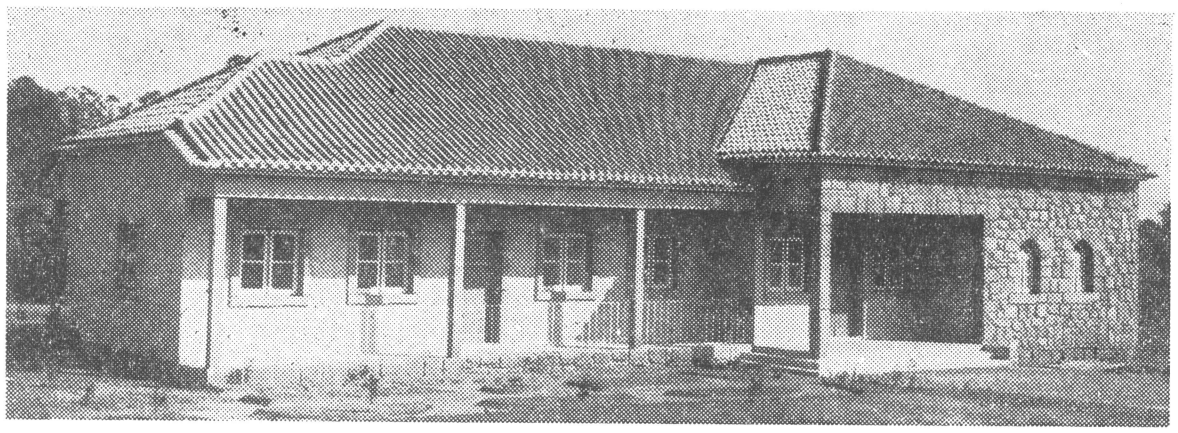
Foi-me entregue pelo IAPA. Havia dois meses que eu tinha dito sim senhor, ao dizerem-me que era abandonado. Ora na despedida, veio a mãe (uma mulher com boa saúde e aparência) com a merenda para o menino e que o tratasse bem. Passei uma viagem angustiado ao pensar que há outros Zés que não têm mãe. Que as Senhoras Assistentes Sociais meditem e não se deixem entusiasmar pelos papeis. Os mais abandonados. Ora o «Zé da fisga» tem mãe e é notícia.

Vieram também de Luanda e duma casa de irmãs o Afonso Henriques, que mija na cama; o António que, devido a uma bala, ficou manco; e o João com tinha na cabeça. Sabãozinho minhas ricas irmãs... e, quando doença, hospital e remédios. Já o levei lá.

— Olhe que ele tem tinha!

— Tinhoso — disse o «Belotas».

Continua na TERCEIRA página



CASA DE HABITAÇÃO, EM NOSSA «ALDEIA» DE MALANJE.

Aqui, LISBOA

Todos os anos, por esta época, costumamos dar óleo de fígado de bacalhau aos nossos Rapazes. Como sempre, há uma certa resistência em ingeri-lo e, caso curioso, na sua maioria da parte daqueles que visìvelmente mais carecidos. Aqui, como noutros aspectos, a compreensão dos problemas postos e a responsabilidade do lugar que ocupamos, não se coadunam com concessões ou fraquezas e há que cumprir o nosso dever. A ciência fornece-nos dados que não se podem desprezar e o futuro das crianças confiadas a uma Casa do Gaiato tem de ser atendido nos seus mais variados aspectos.

Os pequenos que chegam até nós apresentam, na maioria, sìntomas nítidos de raquitismo, ventres extremamente desenvolvidos e outros sinais de uma alimentação diminuida ou desequilibrada. A carne é cara, o peixe idem e só agora começa a chegar ao interior; a fruta entra em diminutas casas, o leite é pouco e os seus subprodutos estão apenas ao alcance duma minoria. Quando as há, comem-se batatas e couves, couves e batatas; bebe-se vinho, muitas vezes em excesso, como que a enganar a fome, apesar do seu preço quase proibitivo para as magras bolsas da boa gente do Povo; a boroa e o casqueiro estão na base do sustento da maioria da gente, além de uns pedaços de carne de porco, uma ou outra vez no ano. Por tudo isto se justifica ser difícil convencer um Rapaz de que mais vale um bocado de carne ou de peixe do que um prato de batatas! Falar em proteínas ou em vitaminas, dizer que comer pão a mais não faz bem, representam linguagem doutro mundo; apontar as virtudes do óleo de fígado de bacalhau, só como argumento de autoridade. Graças a Deus, na medida do possível, vamos procurando dar-lhes uma alimentação adequada, em que o peixe e a carne entra em proporções razoáveis, já que não podem ser óptimas; em que o leite e os ovos enriquecem as suas dietas e as verduras e as frutas da quinta são para eles. Os correctivos e os adjuvantes estão na linha das nossas preocupações e daí a praia e o óleo que motivou estas notas.

A propósito, dizem as estatísticas que cerca de dois terços dos habitantes do Mundo são subalimentados. Há fome quantitativa e fome qualitativa. Mesmo na maioria das famílias com posses há, não raro, deficiências graves no aspecto alimentar. Muitas das refeições ditas de festa ou de cerimónia denotam, logo à primeira vista, a falta de visão de equilíbrio na sua composição, por desconhecimento dos mais elementares princípios dietéticos. A preponderância de hidratos de carbono é comum; a sobrecarga de gorduras afecta fortemente as digestões; a ausência de elementos menores com acção catalítica no metabolismo geral do organismo está na base de muitos males e no dispêndio de muitas verbas na tentativa de recuperar a saúde perdida ou na colmatagem de deficiências bem escusadas, muitas vezes irremediáveis. Por tudo isto e pelo que se supõe parece-nos indispensável introduzir nos programas escolares, a começar pelo primário, umas noções, ainda que simples e sintéticas, sobre a alimentação humana. Talvez se evitassem muitas doenças e se não vissem tantas desgraças.

x x x

Um ano passou sobre as trágicas inundações de 1967. Com feridas bem patentes ainda nas nossas instalações, que nem sabemos quando será possível reparar, recordámos os Irmãos mortos em Missa da Comunidade. Foi a nossa singela, mas supomos que valiosa, homenagem.

Padre Luís

Acabo de chegar de Lobito onde levei uma carrada de bananas para a Mãe Pátria. Elas são parte importante do nosso pão. Comigo foi o Rosário que, apesar dos seus 12 anos apenas, se desempenha às mil maravilhas do papel de «secretário» nestas andanças. É ele que trata da entrada da camioneta, nos portões do porto, levando papeis, trazendo papeis. Já o conhecem. Ninguém lhe põe entraves. Despacham-no mais depressa do que a mim. Da cabine do motorista vou observando todos os movimentos e fico feliz pelo respeito com que o tratam. Não é um garoto qualquer que importa escorraçar porque incomoda. Impõe respeito e dão-lho. Acreditam nele. Maravilha!

Gosto muito de me fazer acompanhar por eles ao serviço da Casa. Eles são a nossa coroa de glória. Eles são a Obra. Pelos modos como são recebidos, assim a Casa do Gaiato o é.

x x x

Venda de «O Gaiato». É um dos números da vida da nossa Casa. Desta vez calo-me e deixo-os falar:

«Caríssimos leitores:

Pela primeira vez que escrevo para esse pequeno jornal. Eu vou falar-vos sobre este jornal. Eu sou um dos vendedores, que vendo este jornal. Acho graça a muitos senhores, porque o primeiro dia que vendemos é à sexta-feira, e quando lhes vamos oferecer o jornal, eles dizem que já compraram na quinta-feira.

Este jornal é vendido por um certo número de rapazes, em Benguela, no Lobito, na Catumbela e na Baía Farta. A venda tem corrido o melhor possível, mas algumas vezes sobram cem, cento e tal. Os senhores recebem-nos muito bem, e espero que sempre nos recebam bem. Espero que todos comprem este jornal, porque ele é fruto do nosso trabalho e uma ajuda para a Casa do Gaiato. Envio muitos cumprimentos a todos que comprarem «O Gaiato». Obrigado.

José Luís Pinheiro»

«É pela primeira vez que escrevo para este famoso jornal «O Gaiato».

A venda do nosso «Famoso» tem corrido muito bem, e os senhores de Benguela, Catumbela e Lobito têm dado muito dinheiro à nossa Casa.

Nós agora andamos muito preocupados de dinheiro para construirmos a nossa Capela, a escola, aldeia, o armazém, etc... A minha venda tem corrido melhor no Lobito. Há meses o senhor Padre Carlos foi fazer peditórios em Benguela, Catumbela e Lobito e lucrou um dinheirito que já deu para abaixar as nossas dívidas. E houve senhores e senhoras que choraram ao ouvirem as palavras daquele sacerdote.

Domingos Solano»

«Estimados leitores, é a primeira vez que eu escrevo para o jornal «O Gaiato». Em primeiro lugar, queria dizer aos senhores que não se esqueçam de mandar brinquedos para a Casa do Gaiato. A venda do jornal corre bem, graças a Deus. Muitos senhores fazem esforço para nos ajudar. Um dia, eu fui oferecer um jornal a uma senhora e deu-me 500$00, e ao mesmo tempo um senhor entregou-me uma carta com 1.000$ para entregar ao senhor Padre Manuel António.

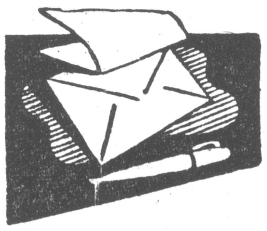
João»

x x x

As nossas obras. Devagarinho, muito devagarinho... mas vão subindo. A escola, com três salas de aula, já chegou ao cimo da terra. A escola é agora o centro das nossas atenções. Actualmente funciona num armazém. Vamos erguer uma escola airosa, bela, simples.

Parte das novas instalações da pecuária estão já ocupadas. A vacaria, onde ficarão alojadas 12 vacas que hão-de fornecer o leite preciso aos membros de tão numerosa família, armazéns e parque das alfaias agrícolas também se começam a ver. Digo isto para que não julgues que estamos de braços cruzados. Não cruzes os teus e continua a ajudar-nos.

Padre Manuel António



Uma Carta

«Venho pedir-lhe o favor de receber esta pequenina oferta que para mim tem um significado muito especial — foi o primeiro dinheiro que ganhei como médica e que eu não queria gastar senão com algo que valesse muito, tal como o sacrifício daquele que me pagou e tal como o sacrifício que fiz para me formar.

Peço-lhe que rezem por todos os meus.

Creia-me uma devotada amiga dos gaiatos...»

LOURENÇO MARQUES

Fez em Novembro um ano, que chegou o nosso grupo a Lourenço Marques, para abrir esta Casa do Gaiato. Era um mundo novo que se abria à nossa frente. Mundo de esperança, não de aventura. A alguém pareceu uma obra de assistência a mais, destinada ao fracasso; a outros, como a nós, oportuna e aceitável. Éramos onze. Hoje vinte e seis. Devagar como é próprio, porque vamos para longe.

Ao contemplar, hoje, os mapas do movimento que o nosso Amèriquito vai enviando mensalmente para Paço de Sousa, afim de Padre Carlos e os outros Padres da Obra acompanharem a administração desta Casa, lembrei-me de colher os dados de receita, para aqui admirardes connosco como Deus é grande e faz grandes coisas das mais pequeninas... e vos maravilhardes que das vossas mãos, sobretudo dos amigos de Lourenço Marques, em pequeninos actos de amor, tenha saído a concretização daquela esperança firme que nos anima.

Os donativos entregues pessoalmente, deixados na Farmácia Normal ou no A. Teixeira, depositados no Banco ou enviados em carta, foram a duzentos e setenta e seis contos e meio. A venda do «Gaiato», feita de migalhas, que quase nos garantiram o pão semanal do pessoal do campo, elevou-se a cento e cinquenta e três contos e trezentos. De subscritores que mensalmente vamos receber, mais de vinte contos. Peditórios nas Igrejas, setenta e sete e setecentos. Assinaturas do «Gaiato», cerca de treze contos. O que tudo somado passou de quinhentos e trinta contos.

Quanto mais nos deram em roupas, utilidades, mercearias, mimos para a mesa; as grandes ajudas da Engenharia do Exército, da Steia, da Tâmega; a nossa carrinha, o tractor, atrelado e alfaias, o camião que moveu tantos corações; a ansiedade de que a Obra progrida; tanto que temos recebido de apoio moral e espiritual que só Deus sabe!

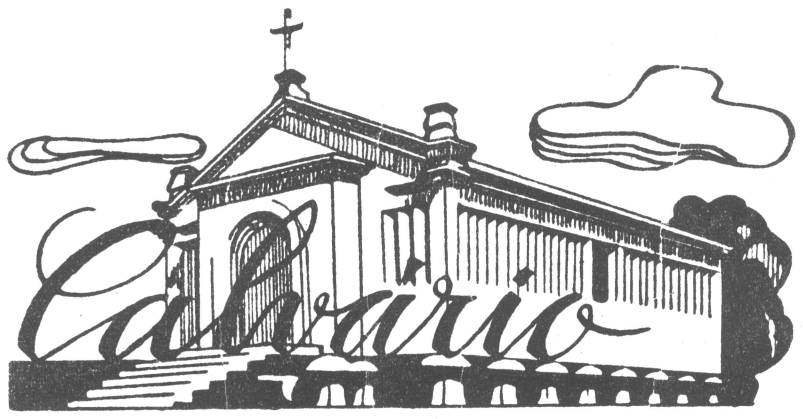
Como foram aplicados estes dinheiros é outro capítulo e seria longa a enunciação. Não guardámos nada para amanhã; antes esperamos que o àmanhã nos traga o que hoje foi preciso. Quem duvidar que venha e veja.

Padre José Maria

Visado pela
Comissão de Censura

As nossas edições

"A Porta Aberta"



Cont. da PRIMEIRA página

lá encontrei: uniformes, enormes camaratas, silêncio nos refeitórios, desocupação... tudo concorria para que essas crianças fossem mais tristes, mais em «série», estivessem mais despersonalizadas do que as crianças de muitos outros asilos por mim visitados anteriormente.

Nesse dia de 1953 comecei este livro. Reli todos os jornais «O Gaiato» e fui anotando os episódios, os princípios doutrinários, as orientações do Padre Américo que melhor evidenciassem a sua pedagogia, o mesmo é dizer, a sua resposta aos problemas da criança abandonada. Mais uma vez essa leitura me deixou deslumbrada com a graça das descrições, com a sensibilidade perante o sofrimento dos outros, com a simplicidade e profundidade dos conceitos, com a riqueza de expressão afectiva, com a sabedoria dos métodos utilizados.

Como transmitir toda essa pujança de vida sem a trair? Como libertar-me do sentimento muito vivo de estar a estragar e a macular a luminosa forma de expressão do Padre Américo sempre que misturava as minhas frases com as suas? — Escrevendo um livro em que tudo fosse dele: o título, os nomes dos capítulos, os textos; e em que meus só fossem os critérios de selecção, a compilação e ordenação desses mesmos textos.»

Isto é uma síntese da história e conteúdo do livro — pràticamente todo ele de Pai Américo: «o título, os nomes dos capítulos, os textos; e em que meus» (da Autora), são só «os critérios de selecção, a compilação e a ordenação desses mesmos textos».

Enfim, esta é, de facto, uma «obra que representa um esforço paciente, apaixonadamente teimoso; e, como se fora pouco, deliberada e escrupulosamente humilde...»

x x x

A ultimação e distribuição do livro continua em grande forma! Passei, há pouco, pela nossa Encadernação. Ali, agora, é um mundo de trabalho, nosso e de fora! Quim Oliveira é o irmão mais velho. Ele é que superintende. E tudo gira sobre carris. Pronta mais uma remessa de 350 volumes, Caparica, Bartolomeu, Asdrubal e o próprio Quim estão já de faca e martelo e pincel em punho preparando outra. Na guilhotina, «Papilo» arruma trabalhos avulsos e rompe, de novo, com o «A Porta Aberta». É um trabalho ordenado que instrui, cativa e transforma o «ex-farrapão». O Trabalho é a nossa divisa — e alavanca firme em nossas Casas. Estou a ouvir o martelar nas mesas da Encadernação. E o roncar da guilhotina. Não há música mais doce e saborosa que esta! Estou a ver o Manuel Rosas debruçado no ficheiro da Editorial. Estou a ver todos os meus no seu lugar. E dou graças a Deus pelas maravilhas que Ele opera — apesar de todas as nossas limitações e imperfeições.

Os pedidos continuam a chover, de toda a parte. Até de África! Um assinante do Ultramar chega, mesmo, com apelo urgente e muito à nossa moda: «Não me deixem a ver navios...!» Pois não senhor. Faça favor de esperar. E tenha paciência! Olhe que a mala, por barco, até à Beira, demora cerca de um mês. E, a propósito, saibam todos que, para sermos justos e razoáveis, continuamos a respeitar a ordem alfabética na expedição...

Já foram mais de 1.000 volumes pró correio. E contamos até ao Natal — como prenda de Natal — servir quase todos os estimados assinantes da Editorial. Mas, até aos Reis, se Deus quiser, não ficará ninguém desprovido!

Finalmente, um oportuno recado aos Amigos de Angola e Moçambique. Para remessas de numerário, em troca do «A Porta Aberta», façam favor de se dirigir a cada uma das nossas Casas de Benguela, Malanje e Lourenço Marques. Mas tenham cautela! Frizem, a letras garrafais, o destino das importâncias. Não suceda que, por lapso, os nossos irmãos do Ultramar deixem de nos passar recado. E a vossa ficha continui a zero!

Júlio Mendes

Os técnicos hoje são chamados, como elementos indispensáveis, à estruturação da vida moderna. Os planos que aqueles elaboram estão na base de tudo o que se realiza. E as realizações são sempre acompanhadas do seu juízo idóneo. Ele na Finança e na Economia, na Física e na Química, na Medicina e na Assistência Social... O prescindir deles é mesmo nítido sinal de atrazo.

Ora, para a mentalidade tecnicista do nosso tempo, a derrota é qualquer coisa de absurdo. A ciência traça o caminho, e o resultado terá que ser o previsto. A derrota é inaceitável para o técnico.

Há, no entanto, uma pedra difícil de jogar. A mais difícil até. É o homem. O homem concreto. Nem sempre nele está a glória do técnico. Este foge mesmo daquele, quando não atina com o rumo a seguir.

Tenho aqui uma doente. Nova. Dezoito anos. É a undécima filha de pais alcoólicos, pobres e miseráveis. Não se suporta de pé. Levei-a já a quatro especialistas. Todos se calaram perplexos e impotentes. Não sei mesmo as conclusões dos diagnósticos. Sei apenas que não me deram resposta alguma.

A solução é amá-la, mesmo assim, sem saber o que tem; sem conhecer o que se lhe há-de fazer. Para estas circunstâncias também são precisos técnicos. E o melhor deles é o doente. Ninguém como ele conhece a doença e a maneira de a suportar alegre e resignadamente. Assim cuidam e amam uns aos outros os doentes que aqui tenho.

Padre Baptista

TRIBUNA de Coimbra

Continuação da PRIMEIRA pág.

contro nestes últimos meses: Mãe e filha figueirenses com quarenta e muita vontade de nos ajudar; 867$70 dos universitários de Engenharia Mecânica em 1965. Falando de universitários quero dizer-vos que já vieram vários rapazes oferecer-se para ajudar nas obras, embora ainda nenhum se apresentasse ao trabalho. Mas para compensar têm vindo todas as semanass dois grupos de universitárias ajudar a consertar a nossa roupa.

Quinhentos dum sacerdote que veio ver; cinquenta todos os meses de Senhora que enche de mimos no seu café os nossos vendedores de «O Gaiato»; cem, mais 22$50 de visitantes; duzentos e cinquenta entregues a um vendedor; roupas e calçado da Figueira; assinaturas aos vendedores de Leiria; cem de visitantes; vinte em carta; cem no Castelo; cinquenta muitas vezes de um grupo de cursistas; o mesmo das Caldas; vinte na ponte de Santa Clara; mil dum casal de Lisboa num casamento em Miranda; cem por alma da Avòzinha; cinquenta em Santa Cruz; duzentos e cinquenta de uma estudante em acção de graças; cem para o Calvário e o mesmo para a Casa.

A Marguil todos os anos pelo Natal e pelas festas da Rainha Santa apresenta na sua montra motivos de arte e alegria e o produto é para os Pobres. Fomos agora mais uma vez contemplados com 1.120$00; cinquenta numa loja de louças; cinquenta dum sacerdote por alma do Paizinho; cem do Luso, por alma do filho; cem e mais cem de Vilar Formoso para a Mãe paralítica; vinte, mais cinquenta, mais cinquenta, mais cem numa reunião cristã; quinhentos em cheque da Foz do Arelho; três mil por alma de sacerdote; quatrocentos no Castelo das sempre «Amiguitas»; trezentos à mão, no Castelo; mil de sacerdote «na clausura do 35.º C. C. de Coimbra».

Cinquenta dum sacerdote para um grão de areia; trinta para uma telha, fruto da féria semanal de uma mãe muito pobre; um rádio usado levado ao Lar; um fato que fomos buscar; pneus usados para a nossa sapataria; cinco mil duma senhora que aparece muitas vezes e muito discretamente; cinquenta do Entroncamento; cem de sacerdote que veio às obras; cinco mil do nosso Governo Civil; duzentos de casal visitante; mil das economias de férias de Senhora muito nossa amiga e cem de criada; duzentos e cinquenta no Castelo; vinte de criado de servir em acção de graças a Pai Américo; vinte de um guarda-fios em nossa Casa; casacos de agasalho de Pombal; cinco francos; duas notas de vinte de L. Marques; muitos mimos na nossa ida a Castelo Branco e a Medelim.

Cento e cinquenta em vale de correio da Figueira; mil no Castelo para uma telha; cem em Carapelhos; cem entregues por sacerdote; cem de promessa em S. Cruz; e 2$50 à porta. Que bem me soube esta moeda entregue por uma vèlhinha de chaile e lenço! 600$00 da venda de bolos; quinhentos em vale, de Lisboa, para as despesas do Zé e mil e quinhentos também de Lisboa para o mesmo fim. Em Castelo Branco também há uma Senhora muito pobre que quer ajudar. De Coimbra ninguém respondeu e é a terra do Zé. Trezentos, mais cem, mais cinquenta de sacerdote de visita às obras; duzentos trazidos a nossa Casa; trinta de Aveiro para uma telha; quinhentos de vizinho de Miranda que se preocupa connosco; um candeeiro antigo; quinhentos em vale de correio dum Engenheiro de Lisboa; quinhentos do mealheiro dos Pobres das Irmãs da Casa de Saúde.

Desejamos a todos Boas Festas e que os Pobres também tenham o seu quinhão.

Padre Horácio

MALANJE

Cont. da PRIMEIRA página

Meu Menino Jesus...

Sinto já os sinos do Natal, as luzes dos presépios e as árvores no calor dos lares.

— Este ano vamos ter pastas para os livros — disse um.

— Eu queria um carro — disse outro.

É como vês.

Desejos que balançam no coração dos mais pequenos ao encontro das praias do Teu berço. Vamos fazer-te um berço de capim, não há aqui as palhas do costume; e Missa do Galo; e festa que o Júlio anda a ensaiar. Na bandeja dos presentes vamos pôr-Te a planta das nossas oficinas. Lá Te desenrascarás. Nós começaremos com elas no dia 2 de Janeiro, que é o dia do Teu nome. Deixaste-Te apanhar!

Não podes dizer que não!

Padre Telmo

Gaiato
OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

PELAS CASAS DO GAIATO

MIRANDA DO CORVO

AZEITONA — Como é pouca, os da escola nas horas vagas, lá vão indo apanhá-la, alegres e sorridentes. É um encanto vê-los cantar ao desafio e apanhar quanta podem, pois é pouca e não se pode perder. À noite os das oficinas e os da escola escolhem a azeitona sã para curtir, que há-de servir de conduto para as nossas merendas. Não contamos ter muito azeite, mas contamos com a ajuda dos nossos amigos leitores.

FESTAS — Há umas semanas para cá tem havido em nossa Casa uma alegria que não é habitual. Mas qual será o motivo? Quereis saber? Começaram os ensaios para as nossas festas! Todos querem entrar. Além dos veteranos há os novos que não estão tão habituados ao ambiente das festas. Mas tudo vai indo. Uns decoram papeis, outros ensaiam as suas cantigas, e assim se vive num ambiente de festa! As mais próximas são as do Natal; por isso, temos que trabalhar activamente para poder fazer a festa do Natal; e já não falta muito tempo. Depois seguir-se-ão as festas de mais responsabilidade, pois temos que comparecer perante um grupo de amigos; e, como são nossos amigos, faremos tudo para os satisfazer. Perguntámos ao Senhor Padre Horácio se fariamos as mesmas festas do ano que está findar. Ele sorriu-se. Naquele sorriso aberto compreendemos que sim. Por isso contamos ir a Lousã, Coimbra, Leiria, Tomar, Figueira da Foz, Castelo Branco, Covilhã, Fundão e, se Deus quiser, iremos também a Seia, Guarda e mais algumas terras — pois temos de arranjar dinheiro para fazer o nosso Lar em Coimbra.

Desejamos a todos um bom Natal.

Fonseca

✖

LAR DE COIMBRA

Estimados amigos da nossa Obra, do muito querido Pai Américo:

Estou de visita ao nosso Lar de Coimbra, presentemente em construção. Para que a Obra continui torna-se necessário o vosso braço amigo. Para que a Obra possa continuar a arrancar seres da lama fazendo-os homens válidos e úteis à sociedade.

Eu, que escrevo estas linhas, sou um dos gaiatos do velhinho Lar. Estive aqui muitos anos, e aqui me fiz homem. Tinha apenas três anos, quando comecei a fazer parte desta grande família e a chamar pai, a Pai Américo.

Vendi muitos anos «O Gaiato» em Coimbra, Figueira, Lousã, Miranda, Castelo Branco, Fundão, Tortozendo e Covilhã. Tive grandes provas de carinho dessa numerosa família da Obra da Rua, que são todos os amigos que nos recebem e nos ajudam. O meu nome de guerra é o «Pião».

Actualmente estou em Lisboa e trabalho na Indústria Hoteleira. Tenho tido uma grande contrariedade que é a doença.

De visita ao nosso Lar em construção vi que se ergue lentamente e que o Lar velhinho mete água por todos os cantos e já não tem condições nenhumas para ser habitado.

Olhando para a obra em construção, alegrei-me muito por ver que quase tudo é feito pelos próprios rapazes. Compreendi melhor a carta aberta que o nosso Padre Horácio dirigiu a todos os rapazes que passaram por aqui e daqui sairam homens válidos. O Lar serviu-lhes de berço. Que todos saibam dar-lhe uma prova de gratidão.

Peço a Deus que faça sentir a todos a necessidade de ajudarem o Lar novo de Coimbra, sobretudo os amigos de Coimbra, que foi onde a Obra nasceu, pois vi que o nosso Padre Horácio que lançou mãos à obra anda muito aflito. Que cada um ajude conforme puder.

Augusto João Inácio

●

Apesar das dificuldades que vão surgindo no dia a dia da construção do novo edifício, este vai aumentando momento a momento na sua estrutura principal.

Temos aproveitado todos estes dias em que a chuva não quis nada connosco, para adiantar o mais possível, a fim de quando a chuva chegar, já estarmos ao abrigo dela.

O Rafael, com a camioneta do Tojal, cá tem andado na tarefa incansável de acarretar pedra, madeira, cimento, telha, etc., no fim da qual regressará ao **Tojal.**

Depois de terminada a placa para o segundo piso, novamente se começaram a erguer mais pilares para uma outra placa dum terceiro piso que será o sótão, e que está quase terminada. Em seguida é pôr o telhado e a parte norte estará coberta.

Os donativos é que têm falhado. Quase ninguém nos tem vindo visitar e as facturas para pagar vão-se amontoando e o Snr. Padre Horácio anda cada vez mais aflito.

Onde estão os habitantes de Coimbra que se dizem muito nossos amigos?

x x x

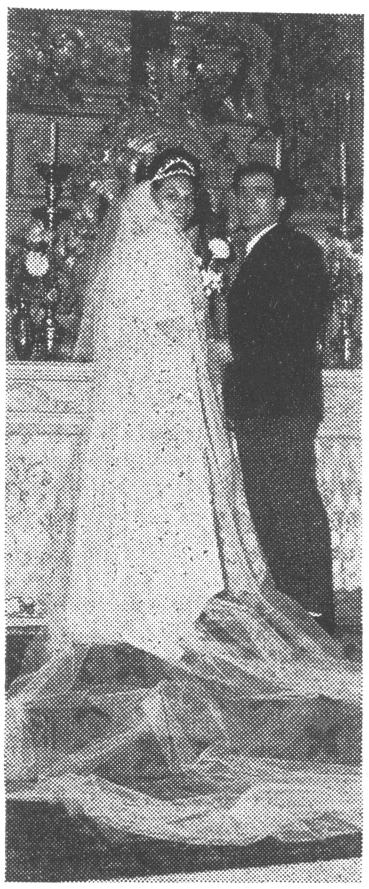
Vai para um mês que começaram as aulas e os estudantes, espalhados pelos três estabelecimentos de ensino, Colégio Pedro Nunes, Escola Comercial e Escola do Magistério, lá retomaram o seu vai e vem de todos os anos.

Neste princípio de ano, o problema número um é o da aquisição de livros, visto estes estarem sempre a ser renovados, e não servirem de uns anos para os outros.

Mas embora nos faltem ainda alguns livros, o problema está quase remediado devido à boa colaboração de alguns autores e de algumas casas editoras como a Porto Editora, a Livraria Didáctica, a Livraria Avis etc., às quais estamos desde já muito gratos.

Francico José

✖



O Ernesto Augusto — que foi de Paço de Sousa — consorciou-se recentemente. Aqui estão os dois, após o casamento.

TOJAL

Tudo corre normalmente e a Aldeia vai crescendo! Com certeza que os leitores mais assíduos já notaram que nesta crónica se tem falado constantemente, de há uns tempos para cá, da Nova Aldeia. Claro que isto é devido ao simples facto de nos orgulharmos deste empreendimento espectacular da Casa do Gaiato de Lisboa. Além de ser uma necessidade que nós temos de nos estabelecer em instalações condignas, desde há longos anos estavamos, por assim dizer, em habitações provisórias. Espero que nos perdoem a insistência, mas precisamos de meios. Estou convencido que nos compreenderão, porque no fim de contas a Obra é vossa.

x x x

Agora, mais algumas breves notícias da nossa Casa.

Estamos no tempo da azeitona e começámos já a apanhá-la. Embora nesta altura o mau tempo nos castigue, o trabalho não cede e tudo se vai fazendo normalmente. O serviço torna-se ainda mais difícil devido ao vento que, fustigando as árvores, atira com a azeitona ao solo e fica enterrada na lama. Como os rapazes maiores estão ocupados nas obras, são os mais pequenos que tratam de a recolher. Este trabalho tem de ser feito antes de apanhar as do ar, porque senão as do chão ficariam todas pisadas e, por conseguinte, inutilizadas. É engraçado vê-los todos juntinhos e brincalhões, debaixo das oliveiras, quando o tempo amansa! Uma das coisas que se pode notar é que, de vez em quando, um ou outro se levanta para puxar os calções para cima. Realmente, uma pessoa que veja isto e que comece a filosofar um pouco chega à conclusão de que os miúdos não têm nada que segure as calças bem. Depois, olhando para a cintura, repara que lá não existe cinto; mas duas alças que não seguram. Eu penso que os cintos fariam melhor serviço. Peço aos leitores que livrem os nossos rapazes deste incómodo e enviem todos os cintos que quiserem. E já que se está com a mão na massa, como se costuma dizer, e contando com a vossa boa vontade, quero pedir-vos mais uma coisinha e que, de certo, não vos custará muito arranjar aí por casa, e de que nós temos muita carência: precisamos, agora, que se aproxima o tempo das invernias, de calçado, principalmente de crianças dos 7 aos 15 anos. É nestas idades que se gastam mais sapatos cá em Casa. E os que tínhamos acabaram-se. Agora os rapazes parecem «charlots» calçados com «fiusas», onde quase cabem dois pés. Espero que, na medida das vossas possibilidades, satisfareis esta necessidade.

Mário Fernando

Notícias da Conferência do Lar do Porto

O mundo gira, ataca e revolve-se de destruição. Ele atenta contra si próprio; escraviza-se e mata. E que matar!

Nos países onde hoje impera o ódio, morre tudo: morrem os campos, as florestas, as fontes e a vida. São crianças vestidas de pele e fracos ossos; são mães que finam despidas de seiva com que deviam alimentar-se, a si e aos recém-nascidos; são chefes de família que caem inertes pelos homicidas sanguinários deixando os seus a comer moscas e insectos vis.

Mas para se achar miséria, é escusado recorrer à falta de humanidade que impera entre determinados povos. Temos o exemplo vivo no quotidiano: a caminho da escola, do trabalho, raramente se passa sem que se não veja um indigente de mão chagada e seca apelando à caridade pública.

A generosidade vicentina tem trabalhado em prol dos Pobres. Quer-se que o Pobre seja gente e não lama que se calca pelos caminhos.

O Natal não tarda a bater-nos à porta com a sua toada de Pobreza, de Humildade e Santidade! E sendo então a festa dos Pobres, porque não prepará-la para eles? A nossa Conferência (a única, destas duas Casas durienses, constituída apenas por rapazes nossos) do Lar do Gaiato do Porto, anda a trabalhar para a festa de Natal dos seus Pobres. Somos todos novos e algo inexperientes; mas onde a paixão pelo que precisa é clara e saltitante. Por isso, não tarda que vos apareçamos pelas vossas casas sabendo resposta das circulares do Natal que vos mandámos.

Nós queremos e o amigo leitor pode querer connosco. Se ambos queremos, ambos poderemos. Como? Ajudando com o vosso auxílio, seja ele qual for; e nós amparando os outros, os desprotegidos. Com ele, o vosso auxílio, livras mais um de mastigar poeira e beber água das chuvas e, se possível, livra-lo do fim.

Álvaro Henriques

Setúbal

Cont. da PRIMEIRA página

correr dos momentos de toda a sua vida.

A Bem-aventurança não se atinge pela água-benta, pelas liturgias ou mesmo pelos sacramentos, se uma conversão não muda a direcção errada da vida como o Evangelho conta de Zaqueu ou da Madalena.

É necessário que o homem seja homem para seguir o caminho da salvação.

A verdade é que nós descobrimos a massa humana a ser ludibriada e ludibriar-se, na mentira, no truque, na vaidade, na injustiça, no materialismo e na fuga ao amor!

É tão difícil encontrar-se um homem!...

Nós sabemos pelas dificuldades surgidas quando procuramos um mestre para as nossas oficinas. Oficiais capazes e preparados para ensinar a técnica não é difícil encontrá-los, por bom dinheiro; mas homens de consciência que respeitem e ajudem a formar a consciência dos nossos... é tão difícil... São tão raros!...

A Formação das consciências é da responsabilidade da Igreja na sua grande parte e o peso dela recai naturalmente sobre os seus filhos mais responsáveis na linha de choque — os padres!

Viver esta augústia provocada pela visão actual dos homens faz parte da paternidade. Dar tudo por tudo para testemunhar o interesse pelos outros na verdade, na justiça e no amor como caminho de salvação!... Sofrer os pecados do mundo: prostituição, alcoolismo, escravatura, abandono social e sobrenatural e dar a vida em paixão para os redimir!...

Pôr a mesa à custa do trabalho, das preocupações e das incertezas!...

Preparar o dia de amanhã para cada jovem e de cada família que dele dependerá, pela cultura, pela profissão, pela capacidade para o trabalho e para a vida social na dignidade e na honra com incerteza e esperança!...

Formar a consciência dos homens, no Amor de Deus e aos princípios que Ele encerra e esperar activamente o desabrochar lento no interior de cada um!... Comunicar-lhes a noção da sua dignidade de filhos de Deus, da sua solidariedade humana e cristã, com projecção na Eternidade!... Acompanhar cada um nos seus tempos de crise e provação e nos momentos felizes sempre com a visão e o amor do «Pai» gera paternidade! O Pai é aquele que se desgasta por amor dos filhos! Não desarma. Não se demite. Adapta-se ao esforço necessário para a sua purificação e a daqueles que assumiu como filhos!

Muito há a fazer para que o mundo se não ria! Muito há a sofrer para que os padres sejam pais!...

Padre Acílio

TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA **T. A. P.**
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE